



## **O PAPEL DAS NARRATIVAS ESCRITAS NA FORMAÇÃO DOCENTE: O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM FOCO**

Rosângela Padilha Thomaz dos Santos<sup>1</sup>

### **RESUMO**

As narrativas escritas são caminhos de formação para os professores, conforme apontam as pesquisas, pois possibilitam a reflexão e pesquisa acerca das práticas pedagógicas que desenvolvem, fazendo com que teoria e prática dialoguem e assim favoreçam a construção e reconstrução de conhecimentos. Esse texto tem como objetivo discutir sobre o papel das narrativas escritas para a formação docente no contexto da sala de aula, focalizando o processo de ensino e aprendizagem e trazendo para o cerne da discussão os conceitos de professor reflexivo e professor pesquisador. As questões que se levantam e norteiam a discussão são: os professores narram por escrito? Sobre o quê e para quê narram? De que modo as narrativas escritas possibilitam a formação docente? Que relação há entre narrativas e ensino e aprendizagem? O principal arcabouço teórico a respaldar a discussão ao longo desse texto é Mikhail Bakhtin, tendo em vista a relevância da linguagem para a constituição dos sujeitos e Walter Benjamin, pela importância das narrativas, bem como das experiências para assim materializá-las; entre outros, de modo a alcançar o objetivo desse estudo.

**Palavras-chave:** Narrativas escritas, Formação docente, Ensino e Aprendizagem.

### **INTRODUÇÃO**

*São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.*

*(Walter Benjamin)*

A palavra narrativa significa contar, narrar, tornar algo conhecido por meio do relato. É de origem latina, vem verbo narrare e para que se materialize se faz necessário

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Especialista em Supervisão Escolar pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), Graduada em Pedagogia pela Universidade Iguazu (UNIG), Professora Especialista (Orientadora Pedagógica) da Rede Municipal de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. e-mail: [rosinhapts@gmail.com](mailto:rosinhapts@gmail.com)



a existência de alguém para contar as suas experiências, um sujeito narrador, que sabe dar conselhos, que enderece os seus relatos a outros sujeitos, interlocutores ouvintes ou leitores ativos que, envolvidos com suas narrativas, expressem uma ação responsiva (BAKHTIN, 2011). Pois, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (BENJAMIN, 1994, p. 201).

Entretanto, Walter Benjamin alertou para o perigo da extinção das narrativas e sinalizou a raridade de pessoas que sabem narrar devidamente, como se estivessem privados da faculdade de trocar experiências, já que estas se mostram escassas. Isso porque no cotidiano da vida, que passa apressadamente e, portanto, descolado do aprofundamento acerca do que se vive, e por isso mesmo incapaz de deixar marcas e de se tornar de fato acontecimento, é que se esvazia a arte de narrar, uma vez que, tais vivências não se transformam em experiências.

Trazer esse tema das narrativas escritas para discussão se faz necessário, uma vez o trabalho docente, repleto de saberes, pouco é reconhecido e dificilmente é difundido, por isso precisa ser mais incentivado a novas produções, que encontra campo fértil em tais narrativas, para registrá-lo e dar-lhe a visibilidade necessária. Portanto, essas produções carecem de ser escritas com a finalidade de serem documentadas e difundidas, para a interlocução com os outros docentes e demais pesquisadores interessados.

Além disso, escrever garante empoderamento e aos professores importa serem empoderados, autônomos e autores de seus dizeres e fazeres, repudiando toda e qualquer forma de prescrição e ordenamento de cima para baixo, como se não fossem sujeitos epistêmicos, intelectuais e, portanto, construtores de conhecimentos.

Logo, precisam se desnudar para a demarcação do território de suas autorias (ANDRADE, 2015; PRADO e CUNHA, 2007), estas entendidas como emancipação profissional, numa atitude de quem ousa se dizer e fazer acontecer as idéias que defende, bem como buscar alternativas para os dilemas do cotidiano educativo.

O objetivo desse texto foi discutir sobre o papel das narrativas escritas para a formação docente no contexto da sala de aula, com foco no processo de ensino e aprendizagem trazendo para o cerne da discussão os conceitos de professor reflexivo e professor pesquisador. As questões norteadoras da discussão proposta são: os professores narram por escrito? Sobre o quê e para quê narram? De que modo as narrativas escritas possibilitam a formação docente? Que relação há entre narrativas e ensino e



aprendizagem? Em busca de respostas para as questões levantadas, dialogaremos com referências teóricas de base, tais como: Bakhtin (2009, 2011), Benjamin (1994), além de Becker (2007), Freire (1996), Schon (1992), entre outros autores.

Os resultados e discussão estão organizados em três partes: aproximações com as narrativas, o papel formativo das narrativas escritas e as narrativas escritas e o processo de ensino e aprendizagem— a didática em questão. Na primeira parte narro como se deu a minha aproximação com as narrativas e de que modo elas foram abraçadas como caminho de formação.

Na segunda parte discuto o potencial formativo das narrativas, tendo em vista a importância dos conceitos de professor reflexivo e professor pesquisador. Além disso, o texto convida às reflexões acerca do valor significativo do saber da experiência. E na última parte, trago as evidências da relação das narrativas escritas com o processo de ensino que visa possibilitar a aprendizagem, colocando em relevo a criticidade da prática docente, a importância da linguagem, a escuta da voz discente e os saberes docentes para o favorecimento de uma boa didática.

## **METODOLOGIA**

Neste ano de 2020, por ocasião da implementação da disciplina Didática, a ser ministrada pelo professor doutor Carlos Roberto de Carvalho, de modo remoto, devido à pandemia da Covid 19, e pensada para ser dinamizada, também, por ciclo de palestras, fui convidada pelo referido professor e coordenador do grupo de pesquisa GEPELID (Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Linguagem e Diferenças), do qual participo desde o ano de 2017, para proferir uma palestra com a finalidade de discutir sobre o papel das narrativas no contexto da sala de aula, em relação ao processo de ensino e aprendizagem.

Esse estudo de cunho teórico qualitativo foi tecido nos encontros do grupo de pesquisa GEPELID, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), onde há grande aprofundamento teórico em diálogo com as pesquisas desenvolvidas por mestrandos, doutorandos, pesquisadores participantes voluntários, além do pesquisador coordenador do grupo, cujos temas das pesquisas dialogam alicerçados no tripé: arte, vida e conhecimento, à luz da teoria de Bakhtin.



Nesse contexto, este estudo foi gestado a partir das leituras, releituras, discussões e reflexões tecidas nos encontros semanais do grupo de pesquisa já citado, em diálogo com a pesquisa de doutorado que desenvolvi no período de 2014 a 2018 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que teve o seguinte título: “As narrativas escritas como possibilidades de formação continuada de professores alfabetizadores” (SANTOS, 2018), para divulgar alguns achados que se relacionam com os conceitos discutidos e defendidos neste texto.

Tal pesquisa foi ancorada em uma pesquisa maior (pesquisa-formação), em que se destacavam princípios norteadores, tais como: valorização da palavra do professor, escrita docente, a relação dialógica e a escuta ao outro, com base nos estudos da teoria bakhtiniana. Esta foi desenvolvida por meio de observações dos encontros de formação, entrevistas, análises do acervo da pesquisa-formação e dos textos narrativos escritos produzidos por quatro professoras participantes do campo empírico (sujeitos da investigação), além de registros em cadernos de campo e gravações.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Aproximações com as narrativas**

Primeiramente, necessito dizer das minhas aproximações com as narrativas. Desde tenra idade, nos espaços do quintal da minha casa e vivendo a minha infância, as narrativas se faziam presentes por meio das histórias que minha avó contava. Eram narrativas cheias de ensinamentos e assuntos para eu pensar, para eu refletir em profundidade. Eram relatos das experiências de vida dela e, também, relatos das experiências de vida de seus interlocutores, pois, certamente, tinham significados tão potentes que se entrelaçavam às suas próprias histórias. Ela sabia aconselhar, pois podia recorrer ao acervo de uma vida inteira (BENJAMIN, 1994).

Desde então, fui me envolvendo e me apaixonando por narrativas, que as compreendo como um tipo de discurso que se dá num contínuo de acontecimentos e que são portas abertas para diversas interpretações; logo, liberta do pensamento único, do engessamento a determinados conhecimentos e potencializa a pluralidade de idéias. Assim, atuando como docente, adquiri o hábito de registrar as minhas práticas por escrito, o que observo não ser a opção de muitos/as colegas de profissão.



Importa dizer que, no campo da pesquisa onde Santos (2018) realizou sua investigação, as professoras eram provocadas a escrever textos autorais sobre as suas práticas profissionais, objetivando a publicação dos mesmos a fim de que pudessem ser lidos por outros/as professores/as, como podemos constatar pelas palavras da professora Naara registradas num fragmento de texto de sua autoria.

Acredito que só foi possível me tornar capaz de produzir esse gênero discursivo de escrita docente porque tive uma formação em que me conduziam a pensar e investigar minhas ações. Fui direcionada e cobrada em não apenas experimentar as práticas discutidas, mas em transformá-las em escritas. (Naara – extraído do texto “Indagações de uma professora alfabetizadora”).

A professora Liana, em momento de entrevista, reconheceu a necessidade da escrita para respaldar o seu trabalho, ao dizer:

Hoje eu vejo muito mais como aquilo que eu estava falando, registrar e respaldar. É...eu tenho que ter, mesmo que em off, mesmo que não seja uma coisa que alguém me pediu, alguma coisa escrita. Porque por exemplo, no dia que a coordenação me pediu o que eu estava fazendo pra atender o terceiro ano, que é foco de atenção na prefeitura, eu tinha lá. Eu não fiz outro texto, peguei a página 3.0 que é o registro eletrônico e peguei e imprimi. Não vinha no formato de narrativa como eu gosto de fazer, mas ele mostrava a realidade do trabalho. (Liana – Entrevista Individual – 21 de julho de 2017) / (In: SANTOS, 2018).

Havia um compromisso muito sério com a escrita, mas não era uma escrita de qualquer natureza, tinha que ser da prática profissional, permeada pela teoria e pelas palavras alheias tornadas próprias, pois, naquele contexto de formação dava-se relevância ao dizer das professoras. Valorizava-se o saber da experiência, tanto que, havia o objetivo de que este saber fosse publicado e veiculado, por defender que a palavra de quem produz conhecimentos por meio de suas experiências profissionais precisa ser contada.

### **O papel formativo das narrativas escritas**

Pensando no potencial das narrativas é possível compreendê-las como possibilidades de formação docente e, nesse contexto, com destaque para as narrativas escritas, pois escrever acerca do fazer pedagógico proporciona reflexões sobre o processo e o produto final das ações desenvolvidas pelos/as professores/as, objetivando a aprendizagem dos estudantes, numa relação de compromisso contínuo com a práxis educativa.





Daí a importância do professor reflexivo (BECKER, 2007; SANTOS, 2018; SCHON, 1992), para refletir sobre os resultados de suas ações didático-pedagógicas, abrindo-se a deslocamentos que apontem para a auto-avaliação do trabalho, que poderá culminar com a alteração da metodologia de ensino utilizada. Trago o discurso de uma das professoras sujeito da pesquisa que dialoga com este estudo, que durante a entrevista destacou a narrativa na sua formação e a importância de pensar sobre a sua prática em sala de aula.

Ao escreverem sobre os seus fazeres, os docentes se assumem como professores reflexivos, compreendidos como aqueles que refletem sobre suas práticas profissionais com intencionalidade para aprimorá-las e até modificá-las, estando em desafios constantes com a construção e reconstrução do ser professor, como aquele que busca caminhos outros de ensinar e aprender, a partir das pesquisas que realiza no âmbito do seu trabalho, da sua sala de aula, trazendo à baila o professor pesquisador (BECKER, 2007; PRADO e CUNHA, 2007; SANTOS, 2018).

Refiro-me ao conceito de professor pesquisador de modo amplo, falo a respeito daquele que investiga o seu próprio fazer, no seu lugar de atuação, que observa sua realidade, planeja, constrói suas hipóteses, levanta suas questões, traça seus objetivos e vai atrás de respostas para os problemas que surgem, por meio de seu caminho próprio, por isso, autoral; consolidando assim, a sua função de professor/a; pois, inerente à figura do/a professor/a está o/a pesquisador/a.

Vale destacar ainda que, as narrativas escritas de docentes têm se reduzido a registros de certos documentos como diários de classe, relatórios descritivos, etc; para atender às solicitações de suas secretarias, conforme aponta Santos (2018). Os registros do que fazem, profissionalmente, acabam ficando em segundo plano, quando acontecem.

Para essa proposta de formação docente pelas vias das narrativas escritas, a defesa é que o conteúdo da narração seja o saber da experiência, e, importa dizer, mais uma vez, que este ainda figura sem o valor que lhe é merecido. Tardif (2014, p. 11) descreve o saber dos professores e o valoriza ao dizer que:

o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc. Por isso, é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente.



Os/as professores/as não são estimulados/as a dizer a respeito do seu trabalho, do seu fazer em sua sala na relação que estabelece com seus alunos; porém, como afirma Tadif (2014), contradizendo àqueles que não consideram os saberes docentes tão relevantes quanto os que se constroem nas universidades pelos pesquisadores acadêmicos, é necessário que estes sejam estudados.

Prado e Soligo (2005), tomando emprestadas as palavras da escritora Clarice Lispector para o seu texto, cujo título foi “memorial de formação”, concordaram com a escritora quando ela disse que é na hora de escrever que se toma consciência das coisas, que antes, em sua inconsciência, não sabia que sabia, assim como virá à consciência do narrador o que ainda não sabe e precisa aprender. Sendo assim, podemos dizer que a escrita narrativa é também um modo de organização dos saberes para novas invenções e posteriores intervenções.

Essa modalidade de escrita defendida nesse texto aponta para a finalidade de estabelecer diálogo com outros interlocutores. Pois, de acordo com Freire (2005, p. 90), “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. A professora Elaine compreende a narrativa como um diálogo e se posiciona dizendo o seguinte:

Ah, eu acho que é um...é o diálogo, né? Você assim, a tua narrativa você vai, é...seja lá o que for que você vai falar, ou seja de tua prática, ou seja da tua visão de mundo, é um momento acho que de diálogo, né, é um momento que você vai narrar um acontecimento ou a tua leitura, você vai refletir. Sei lá, acho que é, não tem como não falar. Não tem como...ninguém vai, digamos se fosse um outro tipo de texto, um..., não sei, só vejo narrativo mesmo. É muito forte esse, esse gênero narrativo, né? É muito forte! . (Elaine – Entrevista Individual – 15 de junho de 2017)

Assim, concluímos que, a linguagem é o fio condutor para a relação com o outro, da qual somos dependentes para nos constituirmos, “toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade” (BAKHTIN, 2009, p. 117). Vivemos todos participando do grande diálogo da vida; pois a vida é dialógica por natureza (BAKHTIN, 2011).

Não será exaustivo dizer que nos constituímos na e pela linguagem, na medida em que se estabelece a relação com o outro de modo singular e não indiferente, antes, porém, responsável e responsivo. Essas categorias (responsabilidade e responsividade) têm relação direta com o agir no mundo e, conseqüentemente, estão ligadas à ética, que



para Bakhtin é o conjunto de deveres e obrigações concretos. Assim sendo, cada sujeito responde por seus atos, sem alibi, uma vez que deve ser responsável por eles.

### **As narrativas escritas e o processo de ensino e aprendizagem– a didática em questão**

Mas o que vem a ser didática? Poderíamos responder dizendo que didática é a arte de ensinar, que é o fundamento da prática do professor, que é a disciplina que viabiliza o processo de ensinar com vistas ao processo de aprender a partir de suas técnicas, enfim... A palavra didática é de origem grega, entendida como a arte ou técnica de ensinar. Para Libâneo (2013, p. 53),

Didática é, pois, uma das disciplinas da pedagogia que estuda o processo de ensino por meio de seus componentes – os conteúdos escolares, o ensino e a aprendizagem – para com o embasamento na teoria da educação, formular diretrizes orientadoras da atividade profissional dos professores.

Pimenta (2007) afirma que a atividade do professor é ensinar e a partir desta afirmativa podemos compreender que ensinar é a atividade prática do/a professor/a, que ao mobilizar seus saberes da docência (experiência, conhecimento específico e pedagógico), age de modo a possibilitar a aprendizagem de seus/suas alunos/as. É partindo desse entendimento que seguiremos dialogando nesta parte do texto.

Podemos sintetizar os saberes apontados pela autora do seguinte modo: os saberes da experiência, que muito importam aqui, são entendidos como aqueles que os/as professores/as constroem no seu cotidiano de trabalho no diálogo com a prática de outros professores e com os textos construídos por outros educadores.

Sobre o conhecimento – saberes científicos, falamos dos conteúdos específicos de cada área, não podendo ser confundidos com acúmulo de informação; é conhecimento no sentido de se abrir à ação de conhecer um objeto de estudo por meio de análises e buscas de respostas às indagações feitas no pensar sobre.

Quanto aos saberes pedagógicos, estes são produzidos a partir da reflexão crítica sobre a prática, que confrontada e reelaborada, por meio do registro sistemático das experiências, o professor constrói teoria, que será praticada, analisada e se preciso reconstruída. Assim, se estabelece um movimento cíclico contínuo entre a teoria e a prática, num sentido de alimentação recíproca, uma vez que, uma não pode existir sem a outra. Vale acrescentar que, “A prática docente crítica, implicante do pensar certo,





envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1996).

Diante do exposto, parece evidente a relação das narrativas escritas com a didática; com a prática docente, com a arte de ensinar. Pois, a defesa de tais narrativas é a possibilidade de formação a partir da prática docente refletida criticamente, para que os/as professores/as conscientes do que fazem, como e porque fazem e, cientes do que sabem ou não fazer, possam se alterar e, também, alterar o seu saber fazer, objetivando facilitar a construção de conhecimentos por parte dos/as alunos/as.

Vale dizer que é importante ter a voz dos alunos nessa escrita narrativa produzida pelo/a professor/a que, posteriormente, irá visitá-la a fim de pensar no seu que fazer; pois, se a finalidade é dinamizar do melhor modo possível as aulas, cujo objetivo maior é a aprendizagem dos estudantes, o primeiro passo é ouvir e valorizar a voz discente, para isso se faz necessário oferecer espaço/tempo de dizer, pois os sujeitos se revelam pela linguagem.

Assim, as necessidades individuais e coletivas precisam ser reveladas, para que as aulas tenham como ponto de partida a realidade dos aprendentes, originando-se do que eles já sabem, para se chegar ao que precisam e querem saber, aprender, construir. “Sem a linguagem, sem uma enunciação bem definida, verbal ou gestual, não existe expressão; assim como não existe expressão sem uma real situação social com participantes reais” (volochínov, 2013, p. 149).

Pois, ao trazer a voz dos alunos para dentro das narrativas, se fundará a relação dialógica durante as reflexões tecidas e entretecidas diante dos registros realizados pelos docentes, enriquecidos pela expressão da realidade existente no contexto da sala de aula.

Não há receita pronta a seguir para o ato de ensinar, o importante é se valer da arte de uma didática polifônica, que ouve as diversas vozes dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, sem apagá-las, mas que dialoga com elas e as entrelaça às reflexões críticas sobre a prática docente escolhida.

Quando falo de ouvir as vozes, falo de uma escuta responsiva, que responsabilmente responde (PONZIO, 2013). O registro da professora Naara no texto de sua autoria “Indagações de uma professora alfabetizadora iniciante” mostra que o caminho se faz ao caminhar. Cada um/a aprende a ser sendo. Assim, cada professor/a vai construindo o seu modo singular de ser e estar na profissão. Vejamos o que a professora nos diz:



A cada encontro eu sofria tensões e saía de minha zona de conforto. Não me forneciam nenhuma receita pronta, ao contrário, me questionavam, me abriam novos horizontes que me possibilita realizar reflexões pessoais e sociais sobre minha inserção profissional docente. Essa tensão causada era afinal, criadora. (...) Em meio a tantos sentimentos vivenciados, encontro-me no momento de aprendizagem da profissão, e o acompanhamento e apoio das formadoras e das companheiras de trabalho mais experientes me permitiram compreender e construir minhas práticas e ações com segurança e confiança, minimizou o choque de realidade, potencializou meus conhecimentos e forneceram novos conhecimentos para atribuir as minhas práticas cotidianas em sala de aula. Não desejo sair da posição de professor iniciante, pois, assim sempre buscarei interpretar minhas ações. As tensões criadoras dessa fase são fundamentais para construção contínua de práticas reflexivas (Extraído do texto “Indagações de uma professora alfabetizadora iniciante”) / (In: SANTOS, 2018).

Faz-se necessário não se esquecer da pesquisa. Em concordância com Freire (1996), enfatizo a necessidade da pesquisa para quem almeja ensinar, já que, não há ensino sem pesquisa. Nas palavras de Freire (1996, p. 29): “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. A professora Naara buscou, indagou-se e pesquisou o seu fazer, por isso, pode construir conhecimentos novos para agregá-los à sua prática.

Diante de tudo que foi exposto, podemos dizer que cada um/a vai aprendendo a ser professor/a no decorrer de sua trajetória de vida pessoal e profissional, a partir dos saberes da experiência, científicos e pedagógicos que constrói. Importa, portanto que, se assuma como intelectual e que se recuse a ser reproduzidor de conhecimentos alheios; mas, sem perder de vista a consciência de sua ignorância, a fim de sempre procurar saber mais e melhor, para não se acorrentar em suas verdades e, assim, poder deixar a sua marca, os seus contornos e seus acabamentos, ou seja, a sua autoria.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A ação de ensinar está diretamente relacionada à formação permanente do/a professor/a, a fim de que se torne um bom facilitador do processo de aprendizagem dos estudantes. Evidentemente que, não há a ingenuidade de atribuir somente ao sujeito que ensina a responsabilidade de garantir êxito no desenvolvimento de tal processo.

Este estudo constatou que a escrita docente ainda se restringe a registros de documentos referentes às exigências do local de trabalho. Portanto, as narrativas escritas



ainda estão longe de estar imbricadas com a formação, que referenciem os educadores como reflexivos e pesquisadores conforme defendido nesse trabalho.

Entretanto, no campo empírico da referida pesquisa, as narrativas escritas foram encontradas com grande intensidade, construídas pelas docentes, gradativamente, durante o envolvimento com a experiência da pesquisa-formação. As professoras passaram a escrever!

Diante do que foi apresentado, pode-se defender que as narrativas escritas têm total relação com o processo de ensino e aprendizagem, pois se elas podem ser formadoras de modo a provocar alterações na prática dos/as professores/as, certamente garantirá outros modos de ensinar e, por conseguinte, outros modos de aprender. Acredito que o posicionamento da professora Simone sintetiza essa relação. Vejamos:

Acredito que o EPELLE<sup>2</sup> faz com que eu pense sobre meu planejamento e minha ação diária. Me faz questionar qual é o meu papel enquanto educadora e como eu posso me movimentar para direcionar o meu trabalho de alfabetização. Quanto mais eu reflito sobre minha prática, melhores ficam minhas ações. Mais efetivo é o meu trabalho com os alunos, melhores resultados eu consigo alcançar. (Professora Simone, entrevista, dia 31 de maio de 2017) / (In: SANTOS, 2018).

Para concluir, sugiro que as pesquisas sobre esse tema se intensifiquem no sentido de tentar minimizar as lacunas ainda existentes e levantar outras questões que possam trazer novas direções que consolidem as escritas do fazer docente, a fim de que se amplie o leque de estudantes agraciados com práticas pedagógicas envolventes e de qualidade.

Outra sugestão seria pensar em pesquisas no interior das unidades escolares que apontem para a possibilidade de implementação de políticas de formação em serviço, com a finalidade de fomentar as escritas de professores/as e difundirem os conhecimentos produzidos a partir das experiências.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ludmila Thomé. Encontros de professores para estudos de letramento, leitura e escrita: a autoria de textos docentes. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 5, n. 2, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2009.

---

<sup>2</sup>Campo empírico da pesquisa - EPELLE (Encontros de professores para estudos de letramento, leitura e escrita).



BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BECKER, Fernando. Ensino e pesquisa: Qual a relação? In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tania B. I. (orgs.). **Ser professor é ser pesquisador**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia etécnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Macie Gagnebrir. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; CUNHA, Renata Barrichelo. **Percursos de autoria: exercícios e pesquisa**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PONZIO, Augusto. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

PRADO, Guilherme do Val Toledo e SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação – quando as memórias narram a história de formação. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo, SOLIGO, Rosaura. (ORGs.). **Porque escrever é fazer história**. Campinas: Graf. FE, 2005.

SANTOS, Rosângela Padilha Thomaz dos. **As narrativas escritas como possibilidades de formação continuada de professores alfabetizadores**. Rio de Janeiro, 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antônio. (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**, 17. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.